

I. Pertença e procura Igreja-em-Portugal

CRE

24/10/98

~~(dentro e fora)~~

[novas coordenadas para a identidade *]



A primeira abordagem à Igreja em Portugal faço-a em termos de pertença.

Pertença como:

- identidade assumida e reconhecida
- laços a outros e outras, apesar ~~das~~ ^{das dificuldades} das vicissitudes do convertido que Screwtape tenta em (C.S. Lewis)
- Fundação Cuidar o Futuro autoriza o seu pp alargamento a ~~os~~ outros
- expressão conjunta de uma preocupação central: "Eu refo o Cristo crucificado"
- "converter" o mundo; q̄ o mundo se volte para Yahweh

Que pertença em P.?

- gde n.º de batizados
- igrejas cheias
- grandes manifestações de religiosidade popular



Será Estz pertença é contagiosa ??

Que dificuldades encontra?

Nestas últimas décadas profundas transformações na vida humana:

- num 1.º tempo sentidas como crise
- hoje já experimentadas como uma condição de existência humana

(desapareci/ de modis sociais de massa - AC)

É na sequência destas preocupações que a Assembleia Geral da ONU criou a Comissão para o Ambiente e o Desenvolvimento, que em 87 sob a presidência da Primeira Ministra da Noruega Gro Harlem Brundtland, apresentou o relatório “O nosso futuro comum”.

Aí se consagra o conceito de desenvolvimento sustentado, i.e., o desenvolvimento que responde às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as futuras gerações terem assegurada a resposta às suas próprias necessidades.

As principais recomendações da Comissão são retomadas em 92 no Rio, na Cimeira da Terra, em que conceitos e ideias são aceites, mas que não logram passar à prática as decisões então tomadas, como o mostrou, à evidência, a Conferência de Kyoto de Dezembro do ano passado - todos os países, sem excepção retrocederam quanto aos compromissos assumidos, adiando as metas de redução das emissões dos gases com efeito de estufa do ano 2000 para o período entre 2008 e 2012. O desenvolvimento sustentado, nascido embora de uma incorporação dos desgastes ambientais no processo de crescimento económico, através do princípio do "poluidor paga", sofre de duas carências. Por um lado, pela própria imprecisão quanto aos modos de o efectivar, torna-se um novo “slogan”, facilmente utilizado por políticos e académicos, sem que nele vertam os moldes novos de gerir os bens naturais, património de toda a humanidade. Por outro lado, não é levado até às suas últimas consequências, i.e., à internalização dos processos ambientais nos processos e esquemas económicos de produção.

Face à complexidade, a pertença introduz
elementos redutores, ^{com o desejo} capazes de tornar
complexo acessível, ao alcance d' med,
d' inteligência, d' coraç.

Donde o aparecer de grupos de pertença
cuja trã el elementos m^{to} simples, dentado simples,
em geral grupos q' desafiavam q' tentava de
definição", como diz a + lúcida testemunha
dentos 60 anos e Roma, Rosemary Goldie.

O problema crucial destes redutores de
complexidade é a facilidade com q' conduz
a espécies diversas de fundamentismos.

Fundação Cuidar o Futuro



A metodologia japonesa – “imitação, depois inovação” – ao atingir, no decorrer dos anos 70 e sobretudo nos anos 80, um crescimento económico contínuo que levou à supremacia do yene sobre o dólar, teve os seus discípulos no continente asiático. Em primeiro lugar a Coreia do Sul e Taiwan, depois Singapura e Hong-Kong, a Malásia e a Tailândia e, finalmente, a Indonésia. Em todos estes países, o crescimento económico tornou-se galopante atingindo, no princípio desta década, na China os 12% ao ano. Este crescimento teve lugar sem que a dimensão social do desenvolvimento tivesse sido salvaguardada nos salários, nas condições de trabalho, na legislação laboral.

Nos países industrializados - e apesar da cobertura social existente na maioria desses países - o desenvolvimento visto como desenvolvimento económico conduziu ao desemprego e à exclusão social.

Fundação Cuidar o Futuro

O desenvolvimento sustentado

Simultaneamente, e a partir da Conferência de 72 em Estocolmo, tomou-se ¹⁵ a consciência da existência de graves problemas no ambiente, com especial relevo para a perda dos sistemas de suporte de vida pela redução da diversidade biológica das espécies, para o aquecimento do clima devido à emissão dos gases emitidos pelos combustíveis fósseis e para o buraco do ozono na atmosfera.

Mas a complexidade abre tb. para
perspectivas + amplas, com certo dose de
ecletismo.

— todos os movimentos New Age,
e baseados na noção de pertença cósmica/
de regresso à natureza / de primado
de tudo o q' é natural sobre o artificial /
de medicina alternativa / de atemp'o ao
corpo e aos seus processos orgânicos / de
concepção profunda sobre a existência de
"energia espiritual" no mundo

Fundação Cuidar o Futuro



— a partilha e a adoção umas vezes comple-
mentar, outras exclusiva de práticas e métodos
orientais, com especial relevo para o budismo
(adotando o budismo Zen) e para o hinduísmo.

de “complexidade inimaginável”. Mais do que qualquer outro domínio, a tecnologia dá-nos a dimensão da complexidade que caracteriza este período de transição. Não nos deixa dúvida que se exige uma mudança radical na maneira de viver e de pensar o mundo.

A deriva do desenvolvimento para o crescimento económico

O desenvolvimento começou por ser encarado como um processo integrado. Era considerado harmonioso, absorvedor de injustiças.

Mas, entretanto, as próprias Estratégias Internacionais do Desenvolvimento, aprovadas em cada década pela Assembleia Geral da ONU, concentraram-se no único indicador, o PNB, já que esse indicador era susceptível de comparações internacionais. Alguns parágrafos qualitativos eram introduzidos no final das resoluções da ONU, mas eram quase irrelevantes face às metas quantitativas propostas.

A classificação em países desenvolvidos e em desenvolvimento, supondo o desenvolvimento como tendo atingido um certo PNB/capita, acentuou a deriva do conceito de desenvolvimento. Fácil foi tornar gradualmente o desenvolvimento sinónimo de crescimento económico.

Esta pertença q̄ assim se manifesta
é, aos meus olhos, a tradução por
caminhos variados, de
uma procura espiritual.



Não deixam de ser algumas formas
ideológica/marcadas,
doutrinárias, proselitistas,
~~mas~~ e, em certas ocasiões, incómodas.

Mas o q̄ me ^{revelam} ~~dizem a mim~~ é a
necessidade de uma ~~certa~~ diluensão
espiritual q̄ apazigue.

ilumine,
distinga (o trigo do joio)
consegue a inquietação.

A Igreja em Portugal, nós todos, não
estamos aptos a responder à procura espiritual
sem ceder às formas tranquilizantes
de pertença.

“Cada vez q̄ comerdes deste pão e
beberdes deste vinho, anunciareis
a morte do Senhor até q̄ ele venha.”

— INQUIETAÇÃO

“Nós si é o plural de eu.” → nos/ser

Nestes 25 anos, passámos da aspiração a um desenvolvimento endógeno, auto-gerido, baseado nos recursos de cada país - concretizado na Carta dos Direitos e Deveres dos Estados, aprovado em Janeiro 1975 pela Assembleia Geral Extraordinária das Nações Unidas - para um único modelo de desenvolvimento tendo como objectivo o crescimento económico.

Ao impor a condicionalidade dos fundamentos da democracia e do mercado aos países saídos do regime comunista, o Ocidente reforçou esse modelo e tornou-o um imperativo. O Ocidente, vergando-se ele próprio às exigências do mercado, não foi capaz de afirmar - como se verificou na famosa reunião dos países do Sudeste Asiático com os países europeus - que o crescimento económico feito à custa de violações maciças dos direitos humanos é, afinal, uma caricatura do desenvolvimento, incluindo paradoxalmente o próprio terreno da economia que, quando sobre-aquecida, e na falta das infra-estruturas adequadas, conduz à explosão como a que teve lugar recentemente nos países asiáticos.

A revolução tecnológica dos últimos 15 anos - nos últimos 20 anos, a rede global de computadores, telefones e televisões aumentou a sua capacidade 1 milhão de vezes - não fez senão acentuar essa deriva do desenvolvimento. É que a agilidade própria e inegalável dos agentes económicos e financeiros facilmente os levou a utilizarem as novas condições tecnológicas. A constatação desse facto levou o último número da revista dos trabalhos em curso na Universidade das Nações Unidas a colocar esta interrogação fundamental:

"Será o cyber-espaço ~~o atalho~~ para o desenvolvimento sustentado?". Quando, em meados da década de 80, um jovem escritor de ficção científica usou pela primeira vez a expressão "cyber-espaço", definiu-o como um lugar

↙ a senda
caminho

II - Igreja - Povo - de Deus



1. Falei de pertença como elemento subjetivo de ser parte de ...

O seu contraponto objetivo é a Igreja - Povo - de Deus. E aqui deparo com várias perplexidades:

a) A expressão Povo-de-Deus, t^o magnífica/desmitiz no § 9. de Lumen Gentium foi ~~uma~~ ponto fundamental do Concílio.

Figuras anteriores + usadas
— "Esposa de Cristo"
— "Corpo Místico"

Nad pareciam corresponder já ao tempo q se vivia.

Por isso o Povo de Deus foi um grande vartilho quer na Teologia quer na comunidade dos crentes.

Mais do q em outros países de Europa, em P. ~~seus~~ a figura de "Povo de Deus" ~~foi~~ provocou entusiasmo e dinamismo.

Muitas ações levadas a cabo por ~~os~~ nos guijos + poderes ~~da~~ da população eram impulsionadas pelo ~~esse~~ ideal q si encontrava

com as suas lógicas próprias. Dizia-me há alguns meses Fernando Henrique Cardoso: "Preciso de 10 anos para levar o Brasil ao nível de felicidade a que cada brasileiro tem direito - mas como fazê-lo, face às exigências eleitorais?"

Nesta perspectiva, o SNS é menos um problema técnico do que um problema político, i.e., de entendimento e de prática da gestão da coisa pública.

tipo de letra maior { **Período de transição** *a múltiplos níveis*

Este impasse da governabilidade que, assim, tem afectado a realização do Serviço Nacional de Saúde é também influenciado ~~nas duas últimas décadas por um período de profunda transição.~~ A partir de 1989, começámos a chamar aos países da Europa Central e de Leste "países de economia de transição" - e aparentemente não nos demos conta de que estávamos todos, a muitos níveis, vivendo a sobreposição de várias transições. Mais: a nossa própria economia já carecia, ela também, de um período de transição. Mas manietavam-nos duas dificuldades: por um lado, a derrocada do comunismo era interpretada como a "vitória" da economia de mercado que assim se satisfazia por ter ganho a batalha da guerra que não houve; por outro lado, não se vislumbrava no horizonte nenhuma teoria que nos garantisse o caminho da transição. Se é certo que a transição é sempre um adentramento para um contexto desconhecido, alguns parâmetros de viabilidade são necessários para que ela não seja - como o tem sido, afinal, na Rússia - o desmantelamento do que existe sem que seja arquitectada, nas suas vertentes, uma alternativa coerente.

Pois nós cantávamos "Ofereçamos ao Senhor
um mundo novo / o futuro do seu povo".⁴⁷

E que nós nos venham perguntar hoje
de eutás só usamos um Povo q se definia
cristical

— ou se tínhamos no coração e no
espírito o povo ~~q~~ concreto, com quem
partilhávamos um destino comum.

Estou convencida de q passávamos
de um a outro registro sem danos
por isso. Era eu que se exprimia
o cristianismo social, para quem a
justiça não era só a bondade de Deus
mas também a ~~terra~~ fraternidade
possível numa terra dividida por tds
grandes barreiras.



O que aconteceu então em Portugal ao SNS?

Encontro uma explicação plausível na análise coincidente de dois médicos eminentes. No relatório do Conselho de Reflexão sobre a Saúde, o Professor Daniel Serrão afirma:

"Não é legítimo avaliar as reformas vazadas em Lei, a partir da Lei Arnaut, porque nem esta lei, nem as que se lhe seguiram, foram, de facto, postas em vigor na totalidade dos seus Artigos." (pg.98)

Numa Conferência feita em Março deste ano na Gulbenkian, o Professor Armando Sales Luís por seu turno afirma:

"Temos excelentes modelos, muitos deles pioneiros. Antes que o actual resulte, ou possa revelar prós e contras, é distorcido, modificado, retocado, abandonado. Quando se avança, tenta-se modificar, quando se recua, disfarça-se."

Esta análise leva-nos sem rodeios ao cerne do problema da governabilidade no nosso tempo. A aposta nos direitos humanos pressupõe um princípio político fundamental: a continuidade governativa que transcende as mudanças de Governo e, com maioria de razão, de governantes. Só na base da continuidade governativa é possível dar respostas adequadas às necessidades dos cidadãos e respeitar os seus direitos fundamentais. Ora, uma tal continuidade governativa apresenta, nos países de democracia recente, uma grande dificuldade. Parece ser impossível conciliar objectivos de médio prazo como é o caso do SNS com ciclos eleitorais muito breves e

b) É nestas indetermiuações q' defarao
com ~~o~~ outra perplexidade.

A democracia traz consigo em 74
a glorificacão do "Povo" — "O povo unido
jamais será vencido" ou "Povo / MFA".

Muitos dos custos + empenhados
~~to~~ efectuam consciencia de riva para
as lutas concretas do povo português.
Mas até essa noção de povo se
vai diluir, como pudemos constatar
nos 20 anos do 25 de Abril.

O país parece ter-se arrependido de
dizer a palavra povo, ~~na~~ que, em outros
idiomas e noutras latitudes veio a
ganhar nos anos 80 um enorme diu
nismo. Françoise Sagan em País de 81
escreve uma das + belas pp da literatura
francesa sobre a recém-descoberta palavra
"peuple" e nos países de língua inglesa
o "people's power" torna-se o mote
dos grandes movimentos cívicos
pela democracia.



Afirmção consistente do direito à saúde, enraizamento do SNS na prática governativa. Fica apenas a pergunta: o que mudou nestes 20 anos? Estaremos a dizer a mesma coisa que dissemos então?

Focalizadas, como estão, essas afirmações no direito à saúde, é sobre o que a ele conduz - em termos de evolução do pensamento e da prática política destas duas décadas, - que me vou concentrar.

E diga-se logo de entrada que o direito à saúde de que falamos hoje, em contraste com o que aconteceu há mais de 20 anos, não é um direito que possamos deixar levar o seu tempo a ser concretizado, como se se tratasse de um aspecto residual da governação, de um ingrediente suplementar à realização da democracia.

Por isso, o Conselho da Europa afirma hoje, sem hesitações, que

"a elevação ao estatuto de direitos humanos dos objectivos de alimentar os que têm fome, educar os analfabetos, ou fornecer cuidados médicos aos doentes e vulneráveis, deve significar, como mínimo absoluto, (...) que tais objectivos não estão abertos à refutação pela racionalidade económica nem por quaisquer outras razões."

Os cristãos parecem seguir a tendência geral. O ~~sentimento~~^{anexamento} pelos "pecados de juventude" e alguns consideram ter cometido nos anos de revolução entra tb. pela Brega dentro. O "Povo de Deus" perde a força que tivera nos anos post Vaticano II.

É à ~~comunhão~~ ^{comunhão} g. immanente que substitui-se gradualmente a expressão "solidariedade" que até tem estatuto político. É certo que há um infindável n.º de ONG de solidariedade social, nascidas de consciência cristã, mas ~~falta-lhes~~ parece ~~faltar-lhes~~ uma força animada que transformava os assistidos em sujeitos, fortes, apenas de suas ~~de~~ vulnerabilidades ~~e~~ como filhos de Deus.

Como ser um Povo de Deus que "~~bai~~^{si} e que cante que baile en la calle", como cantavam os grupos ~~de~~ latino-americanos nos anos 60 e 70?



Introdução

Na Resolução do Conselho de Ministros de Fevereiro de 1996, que criou o Conselho de Reflexão sobre a Saúde, foram invocados os seguintes motivos:

"... os problemas ligados à promoção da saúde e ao tratamento da doença devem ser equacionados no quadro das alterações globais previsíveis para os próximos 15 anos, não apenas relativos aos avanços científicos e tecnológicos, mas também relacionados com a redefinição do conceito de direito à saúde."

Em 16 de Outubro de 1974, foi aprovado pelo Conselho de Ministros o Programa do Ministério dos Assuntos Sociais onde se indicava, entre os objectivos do Ministério, o seguinte:

"Lançamento das bases de um Serviço Nacional de Saúde estabelecendo a transição de um reduzido sistema oficial centralizado e de um sistema liberal economicamente discriminatório para um sistema assente na resposta institucionalizada do direito à saúde de todos os cidadãos."

Em Setembro de 1979, a folha de "avaliação de progresso" do Ministério dos Assuntos Sociais dizia:

"O Programa do V Governo Constitucional estabeleceu como objectivo fundamental na área da saúde, a regulamentação do Serviço Nacional de Saúde (Lei nº56/79). Por isso, a Secretaria de Estado da Saúde está a proceder à elaboração dos diplomas legais que criam as condições necessárias à gradual implementação do SNS".

c) Ou será de admirar - e é a terceira
perplexidade - que, ~~tal como aconteceu~~
~~na Am. Latina~~ o natural tecido
pluri-partidário da democracia
invadiu o Povo de Deus e ~~o~~ ^o cad um
fragmentou também, ~~colocando~~ ^{colocando} a
chiquete não só de partidos mas
até de ~~os~~ votos? Onde estão hoje muitas
das comunidades & de base de Am. Latina,
especial do Brasil?

Como me dizem os antropólogos e
sociólogos brasileiros, "o povo cansou de
lutar." ^{Fundação Cuidar o Futuro}
o desejo de ser parte de Igrejas de
conforto e do conforto. (É curioso
~~verificar~~ ^{verificar} que a Conferência Episcopal
brasileira inclui, no seu trabalho
ecumênico, alguns peitos q estabelecem
o contacto com as mais variadas formas
de creença; presentes sbtd. nas favelas e
maquia/ no Nordeste brasileiro.)



Duas Décadas de Desenvolvimento e o Serviço Nacional de Saúde

1. Introdução

2. O que aconteceu então em Portugal ao SNS?

3. Período de transição

4. A deriva do desenvolvimento económico para o crescimento económico

5. O desenvolvimento sustentado

6. O desenvolvimento humano

7. Transição da quantidade para a qualidade

8. Os direitos sociais, direitos humanos inadiáveis

9. A saúde, um conceito centrado na pessoa

10. A complexidade e a transversalidade

11. A participação das pessoas na gestão da saúde
A gestão da saúde por objectivos: metas e calendários

12. A saúde como pilar da segurança humana

13. A literacia da saúde, garantia da participação dos cidadãos

Fundação Cuidar o Futuro

Está invadida do Povo de Deus pelas etiquetas ideológico-partidárias foi m.^{te} nítida de cada vez q, nos anos q se seguiram à m/passagem por ~~funções~~ políticas, fui convidada a participar em colóquios ou debates.



(Dantes vários cf perspectivas mas com experiência & teológica ou militante; depois do 25 de Abril mesas - redondas c/o m m xadrez dos partidos políticos!)

~~Talvez que se~~

Talvez se possa avançar aqui uma hipótese: a de q certas instituições eclesiais tentam (mas não conseguem) tentar substituir a dem. interna q não tinham pela dem. externa q os ilibava!

I, Indira de la Cruz Pires Silva am unable to attend SIGI's General Meeting and designate the following individual as my proxy in my absence. (Check One)

Mahnaz Afkhami SIGI/Iran

Ama Ata Aidoo SIGI/Ghana

Manjula Giri SIGI/Nepal

Robin Morgan SIGI/USA

Bouthaina Shaaban SIGI/Syria

Sima Wali SIGI/Afghanistan

Marjorie Agosin SIGI/Chile

Afifa Dirani Arsanios SIGI/Lebanon

Asma Khadr SIGI/Jordan

Greta Hofmann Nemiroff SIGI/ Canada

Mashuda Khatun Shefali SIGI/Bangladesh

THE SISTERHOOD IS GLOBAL INSTITUTE

4343 Montgomery Avenue, Suite 201
Bethesda, Maryland 20814
USA

Telephone: 001 (301) 657 4355
Fax: 001 (301) 657-4381

Fundação Cuidar o Futuro

III. A transformação do saber

* Arthur Eddington: "a entropia é a flecha do tempo"

1. A actualidade da questão "Paz e Fé"

Na Igreja \bar{q} somos, em Portugal, essas divisões espartilharam-nos e impediram que se criasse um pensamento comum.

a) O desafio lançado pela transformação do saber.

- a quantidade dos conhecimentos em cada domínio
- a urgência da necessidade de inter-disciplinaridade e "entre-saberes"
- o domínio das ciências humanas eq.^{to} mimetismo das ciências exactas mas s/ os mesmos instrumentos de precisão



Characteristics of the preparation of the Caribbean seminar

A university as partner

Several conferences planned by the Independent Commission on Population and Quality of Life in the perspective of the report's dissemination and translation into measures on the regional and local levels, have been set up in cooperation with universities. This has been the case in Eastern Africa with the University of Dar es Salaam and in West Africa with the University Cheikh Anta Diop of Dakar.

Universities are research institutions where things to come are being anticipated, and where future leaders, still outside of the immediate action, are preparing themselves, create relationships and develop the conceptual basis of their hopes and their ambitions. Universities are also places where the diagonals of political power, a country's leadership potential and fundamental expertise meet. Above all, as Prof. the Hon. Rex Nettleford, Deputy Vice Chancellor of the University of the West-Indies said at the opening of the Caribbean seminar, "the University's quest (is) to remain an institution of growth and instrument of development on the threshold of the third millennium; growth and development not simply in terms of such indicators as gross domestic product and gross national income, of employment statistics and consumer durables like motor cars, refrigerators and television sets per capita, but in terms of the creative potential of the still most valuable resource at our command - people".

It's "people" also who are at the heart of the report "Caring for the future". "All too often", says the report (p. 15), "people are forgotten in favour of abstract, macroeconomic targets : low inflation rates, balanced national budgets. If population is considered in numbers alone, isolated from the other aspects of life, this is wrong in both human and scientific terms. The quality of life of population as people, therefore, should be the central focus of all policy-making". For Professor Nettleford, this seemed indeed to be the essential richness of the report : to replace people and the human being in its totality (including the arts of the imagination to which the Caribbean scene is so attentive) at the centre of the care for the future.

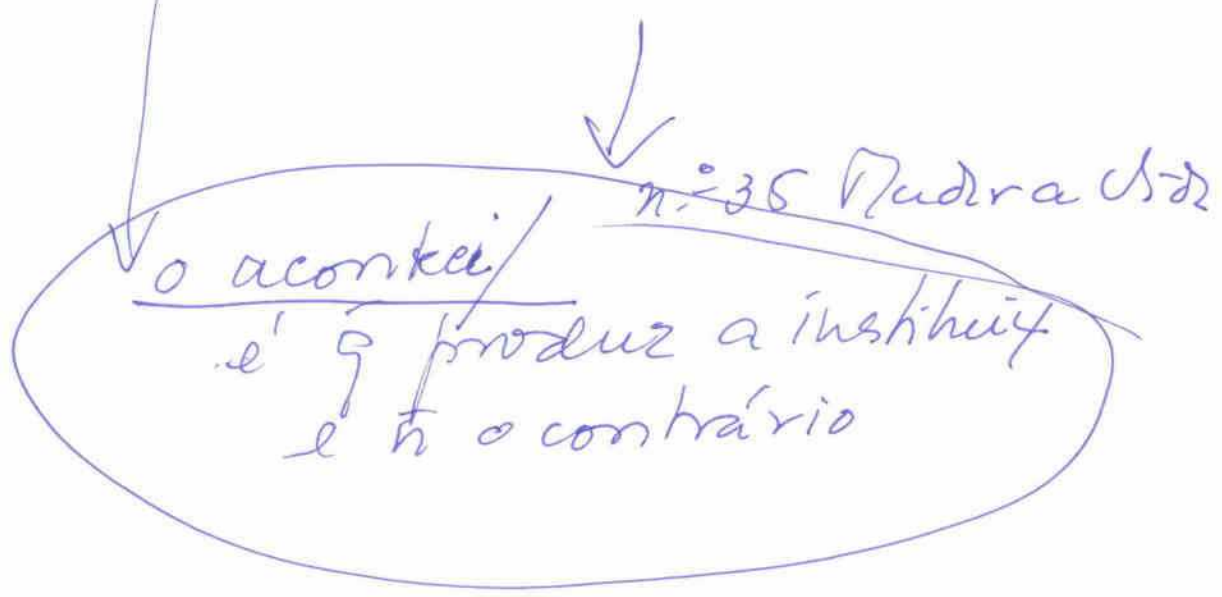
After the Vice Chancellor of the University of the West-Indies had agreed with the proposal for cooperation on the project of a seminar bringing together at the university representatives of the government and the administration, of the nongovernmental organisations, and of academia, originating from the Caribbean region, a consultant to the Commission met in september 1997

Religião ≠ Fé



- Num ~~uma~~ história e ^{numa} sociologia,
o Risco é visto como 1 religião:
um dos aspectos + importantes do
Risco neste contexto é o seu encontro
com outras religiões
→ podemos definir uma
aproximação de Deus comum?
→ podemos definir ~~to~~
uma ética comum?

- Mas a Fé ~~é~~ não é 1 religião
é outra coisa



As ciências humanas não conseguiram
ainda fazer mexer o domínio + vasto
em q se exercem na sociedade:
na educação



É Nem a ^{teoria da} complexidade
nem a abordagem por áreas de
problemas
nem a utilização maciça dos
audio-visuals

Este é o domínio em q > u: de X's
estão empenhados profissionalmente em
Portugal:

- que mudanças introduziram?
- como são recrutados os professores
das Univ. Cat. ? e q' quer dizer
o seu ensino?



Assembleia Municipal de Lisboa
Rua de São Carlos, 130
1100-002 Lisboa

Acto de entrega de diplomas
de licenciatura em
Educação Social
de 1989

N.º 4500045 | 17/05/1989 | LISBOA
 MARIA DE LOURDES RUIVO DA SILVA MATOS
 PINTASILEU
 JATME DE MATOS PINTASILEU + ANELIA DE
 CARMO RUIVO DA SILVA MATOS PINTASILEU
 ABRANTES (A. GUAD) + ABRANTES
 RUA JOSE + LISBOA
 18/01/1930 | LISBOA | 12.53 | VITÓRIA

Fundação Cuidar o Futuro

Cante
 7.º e 8.º anos
 do Univ. Cr. Tolosa...
 Não católico
 Estrada...

b) "As palavras chamam outras palavras,"

"A simplifica, o nivela, o torna acessível e agradável, traz como dominam actual/na quase totalidade o ensino, as crianças" (Steiner, 68)

Não lomos - como "lidos". E cada palavra, cada texto vai-se alargando.

- verdade fundamental de hermenêutica
- verdade da própria estrutura da Revelação
 - não-terminada
 - cada nova comunidade que lê, reinterpreta, contextualiza, acrescenta à Revelação

Donde: a leitura da Bíblia não é separável da leitura

- m.º menos da leitura dos clássicos
- requer, de cada vez, a contextualização e os insights + fins de análise de q. dispomos



Fundação Cuidar o Futuro

4500195	17/05/1988	LISBOA	
MARIA DE LOURDES RUIVO DA SILVA MATOS PINTASILGO			
JAIME DE MATOS PINTASILGO * AMELIA DO CARMO RUIVO DA SILVA MATOS PINTASILGO			
ABRANTES (S. JOAO) * ABRANTES			
S. JOSE * LISBOA			
18/01/1950	SOLTEIRA	1,96	VITALICIO

DIRECCAO DE IDENTIFICACAO POPULACIONAL



III - A Igreja para um mundo globalizado



1. É no saber q' assenta a globalização

- > progresso de tecnol. na última década
q' em todo este século

- mudanças radicais no sistema intelectual
em q' vivemos

de tal modo q' mudou a sua natureza.

59 - aviões supersônicos (> 300 m/s)

c/a transmissão por satélites, velocidade de luz
300.000 Km/s

∴ 10 milhas de vezes + depressa!

Mudanças radical de escala em tudo.

(novas indústrias)
3 x pop. envolvida no boom

- Globalização é uma mudança de orientação
da forma espacial da
organização humana
& na interação ao nível transcontinental
& interregionais

- alargam/ as relações no espaço e no tempo
- instituições m.^{to} localizadas podem ter influência no todo inteiro

CONSTANTINO: Why don't we use the original(?), which includes sustainable improvement in the quality of life, rather than just [..]

PINTASILGO: Yes, better. OK? And on the second?

MAZUMDAR: It's not clear from this - raise complaints where? Are going to individuals, or talking about groups and States.

HARRISON: Yes, 'groups' should be inserted.

PINTASILGO: Yes, where to put this - I don't think there will be.. this recapitulates what we have just discussed, so in a way just saying OK, or if there is something that we need still to introduce. Point 3 is the whole question of re-definition.

HARRISON: I don't think we need to specify, you know, the declaration on development. I mean, how it's done. There are any number of ways of doing it. But I think there probably is a move to have a convention on the right to development. That is also the only convention with a quite strong definition of participation in it. The others don't actually cover that very much.

PINTASILGO: Yes, OK, point 4? I think we discussed it at length, with the changes we have introduced? And the aim to.. the paramount aim of this initiative would be to launch.. actually it's almost the words of the social development summit - to launch a new dynamism into reaching minimum survival levels and sustainable improvement of quality of life. It's a new dynamism that we are aiming at, just not content with - I'm using words of the social summit, imagine!

2. O avanço científico e tecnológico

a) As fronteiras da ciência e da tecnologia:

- a descoberta de processos total/
irreversíveis na física

conduzindo necessariamente

- à quebra dos limites

(Prigogine)



Fundação Cuidar o Futuro

CONSTANTINO: [...] which is already contained here, the participation of [...] and civil society, which is already here.

PINTASILGO: Yes, you wanted something... No. 5.

BEGIN: On 5, I'm a little uncomfortable because somewhere in the report, I'm sure that we.. - not in this chapter - we state that you don't need much money to do this, this and that. We say that. I don't know whether it's in 'Health', or in what. So suddenly to link promoting rights to resources is not perfect..

PINTASILGO: This is the whole question that is under scrutiny by us, isn't it? This whole question of the performance gap is something that we.. BEGIN: Yes, it's another angle of the same problem..

PINTASILGO: .. that we just discussed at length.

BEGIN: I'm absolutely sure that we state crystal clear somewhere else that you don't need much resources to do much better. So it's a contradiction in terms, in addition. But I don't remember where.

HARRISON: Well, that's not exactly what it said. If you look at the chart of income plus.. up to about 2,000 - you definitely \$2,000 per head to make a difference. Below that the curve is so steep, you know, that it's obvious that income is really having a very strong effect there. So, above \$2,000 then a lot of it is down to the countries and the political will.

ZEIDENSTEIN: With reference to this Recommendation No. 5, I thought that what we had been discussing earlier was the manner of computation. I didn't hear any of us really questioning that it would be a good idea to, in fact, find ways to illuminate the performance gap, and then use that illumination as